

ENSINO DE HISTÓRIA E O CINEMA: REFLEXÕES PARA A PRÁTICA

History teaching and cinema: reflections for a practice

Nair Leite Ribeiro Nassarala¹

1. Curso de História e Pedagogia
da USC

NASSARALA, Nair Leite Ribeiro. *Ensino de História e o Cinema: reflexões para a prática*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 53-64, 2010.

RESUMO

Este artigo traz algumas reflexões em torno das relações entre Indústria Cultural e Educação. Partindo de algumas características teóricas e metodológicas do uso do filme, em seus vínculos com a História dos historiadores, o trabalho se bifurca: enfoca as possibilidades de uso do filme como fonte ou objeto de pesquisa histórica e detalha possibilidades de seu uso também no cotidiano da prática docente. Refletindo as propostas dos PCNS de História tanto para o Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, propõe questões práticas para o cotidiano do professor em sala de aula. Traz ainda algumas técnicas, roteiros e um modelo de ficha técnica para o uso do cinema no ensino de conteúdos históricos.

PALAVRAS CHAVE: Indústria Cultural. Cinema. Ensino de História. Memória e Patrimônio Cultural.

Recebido em: 04/02//2010
Aceito em: 30/04/2010

ABSTRACT

This article presents some reflections on the relationship between Cultural Industry and Education. From some theoretical and methodological characteristics of the use of the film, in its links with the History of the historians, this paper is bifurcated: it focuses on the possibilities of using the film as a source or object of historical research and details the possibilities of its use also in the everyday teaching practice. Reflecting the proposals of both History PCNS (National Curriculum Parameters), the Elementary School as well as the High School one, it proposes practical questions for the teacher everyday routine in the classroom. It also presents some techniques, scripts, and a model sheet for the use of cinema in teaching of historical contents.

KEYWORDS: Cultural industry. Cinema. History teaching. Cultural Heritage and Memory.

INTRODUÇÃO

As recentes transformações engendradas pelas novas tecnologias de massa que fazem parte da chamada Indústria Cultural, oriundas da expansão capitalista e da terceira revolução industrial, privilegiam a sociedade de consumo, e estas segundo a ótica de alguns especialistas, teriam acarretado a democratização das informações e o fim da exclusão e marginalização social. (ZUIM, 2001, p.9-10)

Apesar destes discursos otimistas, entendemos que as desigualdades culturais, econômicas e políticas, ao contrário de favorecerem a redução das desigualdades entre classes e países, estão contribuindo e favorecendo a hegemonia do capital, que se instrumentaliza cada vez mais do saber como forma de poder. (ibidem, 2001, p.16-7)

Assim, discutir sobre as possibilidades da democratização cultural popular, projeto a longo prazo, só é possível através do questionamento sobre as relações entre Indústria Cultural e Educação.

Por isso, pretendemos refletir sobre as possibilidades de uso do Cinema como instrumental para o Ensino de História, cumprindo alguns objetivos e habilidades dos PCNS do ensino fundamental e médio: criticar, analisar e interpretar diferentes fontes, reconhecendo

NASSARALA, Nair Leite Ribeiro. *Ensino de História e o Cinema: reflexões para a prática*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 53-64, 2010.

NASSARALA, Nair Leite Ribeiro. *Ensino de História e o Cinema: reflexões para a prática*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 53-64, 2010.

suas linguagens, seus contextos de produção e significação atuando, sobre a construção da memória social. (BRASIL, 1995)

Trataremos da temática sobre duas perspectivas: em seus aspectos teóricos e metodológicos e nas possibilidades práticas de seu uso no cotidiano escolar.

CINEMA E HISTÓRIA: ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS PARA A PESQUISA:

Existem diversos materiais bibliográficos que tratam da temática, entretanto a maioria enfatiza a relação dos filmes como objetos ou fontes de pesquisa para o historiador, e poucos lidam com a temático do ensino.

Uma das obras mais citadas e consideradas clássicas pela historiografia é o livro do historiador Marc Ferro, intitulado “*Cinema e História*”. Nesta coletânea de textos, Ferro enfatiza o uso do filme como testemunho e como tal salienta o papel de mediação do historiador entre os elementos do filme e seus vínculos contextuais: autor, produtor, público alvo, regime político e formas de censura social. (FERRO, 1992)

Para Ferro, qualquer tipo de filme é testemunho autônomo, o documentário ou o ficcional, pois registram através de meios técnicos, aquilo que se apresenta como realidade diante da câmera. Existe uma objetividade dos “planos fílmicos não submetidos à montagem cinematográfica.” (RAMOS, 2002, p.76)

Salienta ainda que o filme é um produto cultural, e como tal “reflete” a cultura produtora, entretanto a sua recepção é também cultural, ou seja, o público interpreta o filme de forma variada: de pessoa para pessoa, de época para época, em sociedades diferentes, classes, etnias, gênero, idade etc., havendo mudança de sentido segundo cada “olhar”.

Vejamos como Ferro sintetiza melhor esta idéia, no trecho que segue: “Assim como todo produto cultural, toda ação política, toda indústria, todo filme tem uma história que é História, com sua rede de relações”. (FERRO, 1992, p.17)

Portanto, para tornar mais criteriosa a interpretação do historiador, o autor propõe duas formas de leitura do filme: a **leitura histórica do filme** (LHF) e a **leitura cinematográfica da história** (LCH). Em relação a LHF temos as seguintes características : esta coloca para o historiador o problema de sua leitura do passado, pro-

curando atingir “zonas não visíveis do passado”, revelando o período em que o filme foi produzido, acentuando auto censuras ou os lapsos da sociedade e da criação artística, devendo levar em consideração o julgamento da crítica, a apreciação popular, e considerando o papel dos roteirista(s) e diretor(es), o desempenho dos atores, a escolha dos cenários e as relações entre os planos.

Já no plano da LCH o filme deve ser lido através da história, ou seja, é a leitura histórica do filme enquanto discurso sobre o passado ou da memória social. É nesse momento que o historiador deve mediar as noções históricas com a versão do filme, devendo confrontar “o discurso das imagens com o discurso dos textos”, pensando na relação historiografia *versus* imagens mistificadoras da sociedade. Vejamos:

Seria fácil imaginar que o cinema não é capaz de representar a realidade do passado; que, no melhor dos casos, seu testemunho é válido apenas para o que diz respeito ao que é atual. E que, além do mais, documentários e noticiários postos à parte, o real que ele propõe não tem mais realidade que o real de um romance.[...] Inversamente, os filmes cuja ação é contemporânea da filmagem não constituem somente um testemunho sobre o imaginário da época em que foram feitos; eles também comportam elementos que têm um maior alcance, transmitindo até nós a imagem real do passado. (ibidem, 1992, p117-18)

O cinema é para Ferro documento e obra de arte que são, ao mesmo tempo, ou instrumentos de propaganda política ou ideológica e ou meio de informação. Assim, esses fatores devem ser considerados nas relações entre a história dos historiadores e a história como patrimônio ou memória social.

Ferro sintetiza a questão argumentando: “o filme como obra de arte não vale somente por aquilo que testemunha, mas [...] pela abordagem sócio-histórica que autoriza” (p.87). Finalizando, confirma que o filme tem uma riqueza de significações que não são percebidas no momento em que ele é feito, os lapsos do seu criador, de uma ideologia, de uma sociedade, se constituem como reveladores do contexto. (ibidem, p.90-1)

“Já Cardoso e Mauad (1997), falam do filme como “fonte digna e passível de leitura” pelos historiadores”, mas que exige a “aproximação da História com outras disciplinas”, para desenvolver metodologia adequada de interpretação. (1997)

Estes autores definem categorias de análise, para interpretar o “caráter narrativo implícito e explícito” dos filmes. Estas são: 1) em relação ao caráter explícito: a) imagens, b) textos escritos que apa-

NASSARALA, Nair Leite Ribeiro. *Ensino de História e o Cinema: reflexões para a prática*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 53-64, 2010.

NASSARALA, Nair Leite Ribeiro. *Ensino de História e o Cinema: reflexões para a prática*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 53-64, 2010.

recem na tela, c) falas gravadas, d) músicas (trilha sonora) e e) ruídos; 2) os implícitos: roteiro, montagem, movimentação da câmera e “estado da arte” (limitações tecnológicas da época). (ibidem, 1997)

Segundo Ramos, para se realizar uma pesquisa sobre um filme é necessário: em um 1.º passo, leitura de textos publicados em: jornais, revistas, livros e sites que comentam ou interpretam os filmes selecionados, em 2.º assistir aos filmes e em 3.º compreender o filme ou seja, identificar as relações entre imagem *versus* sons, desvelando significados intrínsecos – tarefas para tal empreitada: a) identificar as estratégias de produção do filme: diretores, produtores e roteiristas; b) reconstruir interpretações disponíveis: textos produzidos pelos críticos e artigos produzidos sobre o filme e c) interpretação do historiador. (RAMOS, 2002)

Cristiane Nova, em um artigo da *internet* propõe um modelo de análise do filme como documento que segue os seguintes passos:

- 1- Seleção dos títulos sobre os quais vai se trabalhar, depois obviamente que o objeto e os objetivos da pesquisa estiverem definidos, pois são estes que ditarão os critérios de seleção dos filmes;
- 2- Análise individual de cada filme : a) crítica externa do filme = cronologia de produção, versão, alterações da censura, equipe técnica de produção, custos, fonte financiadoras, público alvo, biografia dos produtores (classe social, tipos de filmes já produzidos e suas características);
- 3- Análise do conteúdo: a) crítica interna do filme = * elementos explícitos, nos diálogos, indumentária, gestos, enredo e sentido geral; * elementos implícitos, no conteúdo e nas entrelinhas;
- 4- Elementos inconscientes que escaparam as intenções dos produtores em nível individual ou coletivo, ou seja, a ideologia que deve ser decodificada, para isto é necessário o próprio distanciamento do pesquisador em relação aos seus condicionamentos ideológicos (não é pregar a neutralidade);
- 5- Comparação do conteúdo do filme com os conhecimentos histórico-sociológicos da sociedade que o produziu, e os elementos novos que se apresentam (importante : consulta a outras fontes de pesquisa e cruzamento dos dados). (NOVA, 2003)

Assim, consideramos que estes aspectos teórico-metodológicos abordados devem ser considerados por todos os historiadores que querem lidar com a pesquisa em torno do cinema. Achamos que inclusive fornecem subsídios também para professores pensarem em elementos paralelos para a prática do uso do filme em sala de aula.

O ENSINO DE HISTÓRIA E O CINEMA:

Já salientamos a dificuldade de discutir essa temática, já que existem poucos materiais bibliográficos sobre o tema. Entretanto nos PCNS de Ensino Fundamental encontramos a seguinte afirmação:

... Os documentos são fundamentais como fontes de informações a serem interpretadas, analisadas e comparadas [...] não contam como aconteceu a vida no passado [...] são obras humanas que registram, de modo fragmentado, pequenas parcelas das complexas relações coletivas. São interpretados como exemplos de modos de viver, de visões de mundo, de possibilidades construtivas, específicas de contextos e épocas, estudados na dimensão material, abstrata e simbólica [...].

São cartas, livros, relatórios, diários, pinturas, esculturas, fotografias, filmes, músicas, mitos, lendas, falas, espaços, construções arquitetônicas ou paisagísticas, instrumentos e ferramentas de trabalho, utensílios, vestimentas, restos de alimentação, habitações, meios de locomoção, meios de comunicação. (BRASIL, 2001, p.79)

Encontramos no trabalho de Vesentini (1997), um relato de experiências objetivas com o uso de filmes, através do recurso da televisão e do videocassete. Este autor confirma que ao utilizar a fita dentro de um curso e temáticas específicas, esta sempre culmina com um “debate, cotejamento e articulação de idéias”(VESENTINI, 1997, p.163).

Depois de uma pesquisa bibliográfica pertinente, o autor explica que seleciona filmes clássicos e recentes para assistir. Priorizando um tema, procura selecionar previamente materiais que abordem questões relativas ao mesmo. Depois de assistir os filmes e realizar anotações, parte para a desmontagem dos mesmos, relacionando com a pesquisa bibliográfica inicial e identificando textos convergentes.

A desmontagem da fita enquanto trabalho prévio à projeção em sala resulta de operações simples, onde se subdivide o filme em vários blocos, em cenas curtas, atendendo a interesses do conteúdo. Depois da projeção, no caso, das cenas desmontadas, relaciona o conteúdo do filme com os dos textos, que podem ser previamente lidos ou posteriormente.

O autor, entretanto, faz a seguinte ressalva: “a imagem não fala. Sem comentários uma imagem não significa rigorosamente nada. [...] uma imagem sem data, sem menção de local ou de autor é uma imagem inutilizável.” (ibidem, p.123)

Assim, confirma o que outros autores defendem, um filme como instrumento de ensino, nunca deve servir de lazer ou somente ilustração das aulas.

NASSARALA, Nair Leite Ribeiro. *Ensino de História e o Cinema: reflexões para a prática*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 53-64, 2010.

Jorge Nóvoa pensando a “possível função didática do filme”, considera o uso desta linguagem com a finalidade de “integrar, orientar e estimular a capacidade de análise dos estudantes”, tratando de utilizar películas como fontes para a discussão de temas históricos, é o cinema como agente da história e como documento para a pesquisa.

Para o autor, o ensino de História deve acompanhar a revolução tecnológica que ele denomina “escola da vida”, já que ressalta que a leitura dos livros é indispensável para a formação estudantil, entretanto “é mais fácil [...] deleitar-se com imagens em movimento [...] portanto a didática inteligente deve-se apoderar da motivação provocada pelos filmes para levar os estudantes à polêmica e ao aprofundamento das leituras” (ibidem, p.7)

Os autores concordam que a atual conjuntura, prescinde de uma utilização dos meios audiovisuais, principalmente do cinema como instrumento de apoio ao processo de aprendizado. Para tal tarefa é necessário refletir acerca do público com o qual trabalhará e dos objetivos e conteúdos, já que a análise de filmes permite a “interpretação dos fenômenos sociais, nas suas relações com os indivíduos, com as mentalidades, com os processos psicológicos individuais e coletivos”. (ibidem, p.8).

Nóvoa ressalta a necessidade de o educador estabelecer uma disciplina e afastamento conscientes, estabelecendo um método científico como meio de compreensão objetiva, “é dessa maneira que a emoção deve-se ligar à razão”. (ibidem, p.8)

Trataremos agora das possibilidades práticas de uso dos filmes no cotidiano escolar propondo algumas medidas:

- 1- O seu uso deve estar vinculado ao planejamento do professor, se possível realizado em conjunto, dentro de sua área;
- 2- Selecionar antecipadamente os filmes, assisti-los, se possível em conjunto a outros professores da área, estabelecer conexões entre o seu conteúdo e as temáticas históricas à serem tratadas;
- 3 -Pesquisar detalhes sobre o filme selecionado: críticas, análises, reportagens, enfim, materiais que abordem o contexto de produção do filme etc.;
- 4- Retomar sua pesquisa bibliográfica sobre os processos históricos e temas, selecionando alguns textos para comporem atividades voltadas especificamente sobre a interpretação fílmica;
- 5- Pesquisar de preferência a biografia dos produtores do filme (autores, diretores) ;
- 6- Analisar e criticar os conteúdos das películas, transformando-as em fontes documentais;

7- Confeccionar uma ficha técnica do filme, de acordo com o público alvo (idade, ciclo, contexto cultural, realidade regional etc.);

8- Utilização do filme, podendo optar por seu uso integral ou em cortes. Entretanto é necessário pensar esse momento como um processo que deve levar em conta um método didático (sabemos que cada professor tem sua opção teórica). Sugerimos a *Pedagogia Histórico Crítica* (PHC) de SAVIANI que propõe três momentos para condução do aluno à aprendizagem, superando suas concepções errôneas:

- O primeiro momento é o da **problematização**, quando o professor procura estabelecer a relação escola-sociedade; o segundo é o da **instrumentalização**, que é a apropriação dos instrumentos teóricos e práticos da cultura erudita (ou da ciência histórica); e o terceiro é o da **síntese**, quando o aluno se torna capaz de relacionar o conteúdo com a prática social e pode passar a utilizar o conhecimento adquirido como instrumento de compreensão e transformação da realidade, através da mediação da análise, que é o caminho, numa sociedade letrada e centrada no trabalho, para a incorporação de mecanismos e habilidades, que habilitem ao uso destas ferramentas culturais, para melhor adequar sua inserção no mundo do trabalho, ou seja, como cidadão na sociedade em que vive. (NASSARALA, 2001, p.20-21);

1- Elaborar finalmente questões, reflexões e problemas acerca das temáticas abordados pelos filmes e sua relação com o processo histórico, encadeado pelos seus objetivos didáticos;

2- Organizar avaliações após os debates: podem ser construções individuais ou grupais, considerando: construções de texto, encenações teatrais, painéis, murais, exposições enfim, de acordo com a faixa etária e o contexto cultural de cada classe, cada professor define como sistematizar os dados debatidos e estudados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Então, a proposta de utilização da linguagem fílmica para a aprendizagem de conteúdos históricos, pensando o cinema e o filme como documentos e fruto da produção artística, propõe agora tratar dos tipos de filmes e as possibilidades de uso no cotidiano escolar.

Primeiramente queremos ressaltar que a literatura especializada identifica o cinema em geral da seguinte maneira: *cinema-di-*

NASSARALA, Nair Leite Ribeiro. *Ensino de História e o Cinema: reflexões para a prática*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 53-64, 2010.

NASSARALA, Nair Leite Ribeiro. *Ensino de História e o Cinema: reflexões para a prática*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 53-64, 2010.

vertimento, cinema-arte e cinema-documentário. Para o ensino de História todas essas formas são úteis.

Os primeiros, o *cinema-arte* e o *cinema-divertimento*, se subdividem, segundo apontamentos de NOVA, em:

Filmes de ficção de reconstrução histórica = são películas que tratam de eventos históricos comprovados pela historiografia, contendo personagens reais ou uma reconstrução audiovisual do passado (exemplo: *1492: a conquista do paraíso* de Ridley Scott [1992]);

Filmes de ficção de biografias históricas = são aqueles que reconstituem a vida de um indivíduo em suas relações com os processos históricos, se limitando a abordagem da vida dos “heróis e grandes homens” destacados pela historiografia tradicional (exemplo: *Cromwel* de Ken Hughes [1970]);

Filmes de ficção de época = O exemplo de *Ligações Perigosas* (de Steaven Frers, 1988), demonstra uma obra preocupada com a reconstrução ambiental e dos costumes da época, de forma alegórica e pitoresca, sem ter um referente histórico ou seja o seu argumento nada possui de histórico;

Filmes de ficção com conteúdos históricos = filmes que possuem sentido histórico real, mas cujo enredo é ficcional (*A guerra do fogo* de Jean-Jacques Annaud [1981]);

Filmes de ficção míticos = são obras que se baseiam na mitologia e que abordam elementos para a reflexão histórica (*El Cid* de Antony Mann [1961]);

Filmes de ficção adaptados de obras literárias ou teatrais = são obras pautadas em textos teatrais ou literários, que remetem a algum contexto histórico, como *Os Miseráveis* de Gleal Joadan [1978].

Todos estes estilos podem ser ou estar municiando o trabalho do professor que pode considerá-los como: **documentos primários** ou **secundários**. Serão primários quando utilizados para buscar aspectos concernentes a época abordada nos conteúdos, e serão secundários, quando a preocupação for buscar apenas a representação do passado.

Quanto aos **documentários**, o enfoque é outro, já que a maioria incorpora cenas ou personagens verídicos, ou as vezes até eventos em seu próprio contexto, é preciso considerar que não devem ser pensados como “verdades”, são também representações tal qual os filmes de ficção, entretanto apesar de expressarem maior objeti-

vidade, trazem nas entrelinhas aspectos subjetivos: tema, imagens selecionados, encadeamento, música, texto narrado etc. Todo documentário revela também uma versão da história e da memória social, cabe ao professor trabalhar sua interpretação

Finalizando, deixamos esta mensagem da obra intitulada *Metodologia do Ensino de História e Geografia*, de Heloísa Dupas Penteadó (1992):

...o professor deve ter os seguintes cuidados na montagem de situações [...] de aprendizagem:

lidar com conceitos referentes a fenômenos concretos;

Ter o aluno concreto como elemento ativo do seu próprio processo de aprendizagem;

Lidar com conceitos científicos na linguagem do aluno. (p.58)

Com esta mensagem encerramos nossa reflexão, entendendo que cada professor deve construir uma prática pessoal de acordo com suas convicções, de acordo com seus alunos e sua realidade escolar. Na medida em que nossas experiências forem socializadas, no futuro, teremos uma abordagem mais consensual.

Entendendo que o papel do historiador e ou do professor de História é o de desvelar nos objetos ou fontes da Indústria Cultural, os mecanismos de dominação do capital, propomos o trabalho do cinema, como um modo efetivo de fazer com que as camadas populares realmente deixem de serem marginalizadas culturalmente, e o saber socializado e apropriado por estas acabe sendo ferramenta de transformação social.

Somente a mudança do homem é que pode transformar o mundo, pois não podemos transformá-lo diretamente, mas podemos educar nossos alunos, e mudando as sua visão e suas concepções errôneas, instrumentalizando-os de uma leitura crítica do mundo e do real, estaremos possibilitando que , no futuro, possam transformar o mundo.

Como última etapa de nosso trabalho colocou como exemplo um modelo de ficha técnica de filme, que pode e deve ser adaptado pelos colegas da área:

FICHA TÉCNICA

- Título Original: em inglês, francês etc. e o título no Brasil.
- País(es) de Produção : citar nominalmente o(s) país(es) produtor(es)

NASSARALA, Nair Leite Ribeiro. *Ensino de História e o Cinema: reflexões para a prática*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 53-64, 2010.

NASSARALA, Nair Leite Ribeiro. *Ensino de História e o Cinema: reflexões para a prática*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 53-64, 2010.

- Ano de Produção: colocar a data de produção Duração: tempo em min.
 - Distribuidora:
 - Diretor(a) : Escrever o nome completo ou nome artístico
 - Elenco: citar nominalmente todos os artistas, pelo menos os mais conhecidos, que trabalham na película.
 - Assunto: descrever o tema tratado, a época e o espaço social.
 - Ementa: Resumir o assunto, os eventos tratados.
-

PROPOSTA DE TRABALHO

a) Sobre o filme:

Descrever aspectos do período histórico em que o filme foi produzido, elencando dados e interesses sobre seus produtores, financiadores, diretores, etc.

b) Sobre o evento/ personagens envolvidos:

Descrever dados de suas pesquisa sobre a temática do filme, situando o contexto abordado, relacionando a historiografia, apontando as relações pertinentes entre ambos.

c) Sobre o contexto:

Contextualizar o processo histórico em geral.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Ciro F.; MAUAD, Ana M.^a História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. (orgs). **Domínios da História**: ensaio de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, 401- 417p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais** - História e Geografia. vol. 5. 3. ed. Brasília: Secretaria da

Educação Fundamental, 2001, 160p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – História- Ensino Médio. Brasília, 1998, 40-54 p.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, 143 p.

NASSARALA, Nair Leite R. **A Pedagogia Histórico Crítica e o livro didático**: a questão do ensino de ciências entre os anos 50 e 60 no Brasil. 2001. Dissertação (mestrado em educação para a Ciência)- Faculdade de Ciências, UNESP, Bauru.

NOVA, Cristiane. O Cinema e o conhecimento da História. In: **Olho da História**, n.º3, 2003. Disponível em: < www.ufba.br/~revistao/03_cris.html> acesso em 19 ago. 2008.

NÓVOA, Jorge. Apologia da relação Cinema-História. In: **Olho da História**, n.º 1, 2003. Disponível em: < www.ufba.br/~revistao/01_apolog.html> acesso em 19 set. 2007.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Metodologia do Ensino de História e Geografia**. São Paulo: Cortez, 1992, 187p.

RAMOS, Alcides F. **Canibalismo dos fracos**: cinema e História do Brasil. Bauru: Edusc, 2002, 364p.

SANTOS, Andrea Paula. **O Audiovisual como documento histórico: questão acerca de seu estudo e produção**. Disponível em: < www.ufba.br/~revistao/04_maestr.html> acesso em 9 set. 2008.

VESENTINI, Carlos Alberto. História e ensino: o tema do sistema de fábrica visto através de filmes. In: BITTENCOURT, Circe.(org) **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1997, 175 p.

ZUIM, Antônio A . Soares. Sobre a atualidade do conceito de indústria cultural. In: **Cadernos Cedes**. ano XXI, n.º 54.Campinas: Ed. da Unicamp, ago.2001, p.9-18.

NASSARALA, Nair Leite Ribeiro. *Ensino de História e o Cinema: reflexões para a prática*. Mimesis, Bauru, v. 31, n. 1, p. 53-64, 2010.